



Edição Especial do Dia das Crianças

Brincadeira sem Graça

Rebeca Cupaiolo

O indivíduo, a medida em que passa a conviver em sociedade, primeiramente no seu condomínio, prédio, ou rua, passando pelo ambiente escolar e, futuramente no mercado de trabalho, vai vendo a discriminação crescer assustadoramente.

Na escola, é comum presenciarmos crianças tratando seus coleguinhas com brincadeiras de mau gosto, mas há uma grande diferença entre essa situação e o momento onde as brincadeiras passam dos limites e dão origem a uma estranha e condenável facilidade de ofender e depreciar o outro apenas por ele ser diferente. Nasce então, o *bullying*.

De acordo com a psicóloga Silvana Martani, "todas as formas de atitudes agressivas, repetidas e intencionais que ocorrem sem motivação aparente adotadas por um indivíduo ou mais contra outro".

Mesmo que nunca tenha ouvido a expressão, infelizmente, faz parte do nosso dia-a-dia. As instituições de ensino podem afirmar que essa violência, verbal, física e emocional não ocorre dentro de seus muros e que qualquer brincadeira feita pelos alunos é *coisa da idade*. Mas, certamente, não é. E o risco é que o *bullying* "aprendido" na escola vire assédio moral no ambiente de trabalho.

Para avaliar as conseqüências extremamente negativas na vida de uma de suas vítimas - um *bullied* - conheça a história real de Daniele, hoje com 19 anos.

Todos os dias, e, por diversas vezes, no mesmo dia, seus colegas ridicularizavam sua pele branca. "Me chamavam de vampira e de morta, gritavam quando me viam como se eu fosse uma assombração".

Depois de mudar três vezes de colégio, aos 16 anos e, mesmo sendo boa aluna, deixou de estudar por não suportar mais a pressão. Só depois de três anos conseguiu se livrar dos antidepressivos e do acompanhamento médico.

Para recuperar o tempo perdido faz supletivo e diz que não pretende fazer faculdade pelo medo de passar por isso de novo. Hoje, através de seu blog www.nomorebullying.weblogger.com.br passou a alertar e dar apoio àqueles que passam pela mesma situação.

Segundo Daniele, sua única atitude errada foi não contar aos seus pais, desde o começo, a situação difícil que enfrentava.

Quando perguntada sobre qual foi a maior lição que pôde tirar de tudo isso afirma: "eu não fui a única, não era culpada disso, e sim, vítima. Qualquer um pode ser alvo. Não podemos acreditar em tudo que dizem de nós...e, principalmente..., devemos acreditar que as coisas podem mudar e, lutar pra isso! Afinal, enquanto estamos vivos, temos chance de mudar a nossa história."

Se você pratica *bullying* existe para você também a chance de mudar a sua história. Se acredita, *mesmo*, que sua forma de agir não interfere tanto assim na vida da outra pessoa, tente se imaginar no lugar dela. Como você reagiria?

Numa pesquisa, publicada na Revista Capricho, feita pela Abrapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), em colégios do Rio de Janeiro com alunos entre a 5a. e a 8a. séries, constatou-se que 40,5% dos entrevistados vivenciavam o *bullying* fosse no papel de agressor ou de vítima.

E entre os agredidos, entretanto, 41,6% nunca buscaram ajuda.



Não aja assim. Se você é vítima de *bullying* procure ajuda. Seus pais, o Diretor de sua escola, um professor em quem você confia.

Se você é pai, mãe, procure passar mais tempo com seu filho, observe seu comportamento, pergunte como vai a escola. Hoje, e certamente, no futuro, isso causará grande impacto na vida dele: *bullying* não é brincadeira nem tem graça.

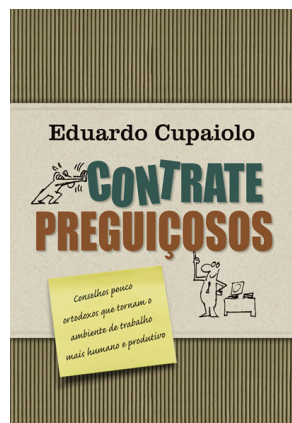
Rebeca Cupaiolo tem 16 anos cursa Ensino Médio e é autora do *blog* Pensamentos Aleatórios. Rebeca é a filha caçula de Eduardo Cupaiolo (pai babão assumido), que cede seu espaço a ele nesta edição pois considerou muito importante que no Dia das Crianças uma jovem falasse sobre um assunto sobre elas mas com seriedade de adulto.

AtPeopleSide© é uma *newsletter* eletrônica gratuita produzida e divulgada por PeopleSide Human and Organizational Development. Todos os direitos reservados. A divulgação por meio eletrônico ou impresso é permitida desde que citada a fonte e o texto em sua íntegra.

Seu trabalho pode ser uma selva, mas você não precisa matar (nem se matar) para ter seu espaço embaixo do sol.

É neste ambiente de trabalho em que muita gente vive. Ou melhor, sobrevive. Os relacionamentos são diretamente afetados, e o processo logo descamba para a competitividade exacerbada, voraz. O mais grave é saber que tanta tensão e estresse extrapolam as salas dos executivos e invadem, por tabela, também seus lares e suas comunidades.

Antes de agendar seu próximo enfarte ou trocar de antidepressivo, fique sabendo que é possível ser um gestor ou executivo de sucesso sem ter de participar dessa roda-viva. Em *Contrate Preguiçosos*, Eduardo Cupaiolo entrega o que o subtítulo promete: orientações e conselhos simples, objetivos — alguns deles nada ortodoxos, a começar pelo do título — para humanizar e potencializar as relações no espaço corporativo.



Numa compilação de textos leves, descontraídos, bem-humorados — mas nem por isso superficiais, pelo contrário —, o autor alia a vasta experiência como consultor de grandes corporações brasileiras e multinacionais com a habilidade de palestrante para sugerir uma atitude mais positiva e um novo modelo de gestão organizacional, em que gente vale mais que qualquer patrimônio. Editora Mundo Cristão www.mundocristao.com.br